

**A FORMAÇÃO DA SOCIEDADE CACAUEIRA E DO BRASIL MODERNO:  
UMA LEITURA DE *TERRAS DO SEM FIM* E *GABRIELA, CRAVO E  
CANELA* DE JORGE AMADO**

*Juliane Vargas Welter\**

**RESUMO:**

A partir da leitura de *Terras do sem fim* (1943) e *Gabriela, cravo e canela* (1958) de Jorge Amado, têm-se como hipóteses a sua escrita do Brasil, ou seja, a leitura cifrada feita pelo romancista através das problematizações (e soluções) da formação da sociedade brasileira entre o início do século XX e os anos 50. A outra hipótese diz respeito à continuidade do ciclo de cacau nos romances, ou seja, à continuidade de *Terras do Sem Fim* em *Gabriela, cravo e canela*. Para tanto, partimos da leitura dos romances, da discussão da posição que o narrador, em terceira pessoa, ocupa e da estrutura romanescas em direção às discussões dos processos de modernização da região cacaueira e do Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cacau; Jorge Amado; Modernização; Narrador; Sociedade.

Celebrado no Brasil e no mundo, Jorge Amado, escritor baiano que dispensa apresentações, completou, em 10 de agosto de 2012, seu centenário. Em ano de efeméride, suas contribuições para a literatura nacional são discutidas com afincos sob as mais diversas chaves de leitura e de releitura.

Interessa-nos aqui discutir, através do seu narrador e da estrutura dos romances, a sua leitura sobre a formação da sociedade cacaueira e, por consequência, da brasileira, em dois momentos distintos de sua modernização, o que nomeamos aqui de “continuidade do ciclo do cacau”. Estas reflexões serão pautadas por dois romances: *Terras do sem fim* (1943) e *Gabriela, cravo e canela* (1958). Aquele corresponde à fase comumente designada de

---

\* Doutoranda em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

primeira, e constitui um dos grandes romances deste momento de forte ligação do autor com o PCB (Partido Comunista do Brasil). Já *Gabriela, cravo e canela*, um romance considerado de reviravolta na carreira de Jorge Amado, inaugura a sua segunda fase, repleta de mulheres fortes e sensuais e que, no plano político, surge como o primeiro romance pós-desencanto e rompimento com o PCB<sup>1</sup>.

Escritos em momentos bastante distintos da vida política de Jorge Amado, os romances também são referências a tempos diversos, tanto no plano ficcional de seus textos, quanto no plano histórico de sua vida. Se em *Terras do sem fim*, no plano histórico, nos deparamos com o Estado Novo, no plano ficcional encontramos o início do século XX e do ciclo do cacau. Já em *Gabriela, cravo e canela*, o plano real apresenta o Brasil desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek; o plano ficcional, o apogeu do cacau nos anos 20. A possível leitura cifrada do seu tempo nos romances e o balanço de suas consequências naquela formação, assim como a noção da continuidade do ciclo do cacau nos permitirá pensar o processo de formação e modernização da região cacaueira e do Brasil em momentos históricos distintos.

### **Oligarquias e autoritarismo: a maldição do visgo do cacau**

Com um subtítulo que resume boa parte da sua argumentação romanesca, “A terra adubada com sangue” (*Terras do...*, s/d, p. 8)<sup>2</sup>, e com uma epígrafe entre sedutora e assustadora, “eu vou contar um história, um história de espantar (romanceiro popular)” (p. 7), Jorge Amado nos convida à leitura e deixa clara a sua posição: vai nos contar uma história, nos moldes da narrativa oral.

---

<sup>1</sup> Jorge Amado filia-se ao PCB em 1932. É eleito deputado federal pela sigla em 1946, mas no ano seguinte o partido é cassado e o autor exila-se na França. Em 1956, dois anos após a publicação de *Subterrâneos da Liberdade* — livro composto por três volumes que narram a instauração do regime ditatorial do Estado Novo, imposto em 1937 por Getúlio Vargas —, o romancista desfilia-se do PCB. O motivo: as denúncias das atrocidades cometidas por Josef Stálin enquanto esteve no poder (1922-1953) feitas pelo secretário-geral do partido, Nikita Khrushchov, no XX Congresso do Partido Comunista Soviético. Informações disponíveis em <http://www.jorgeamado.com.br/vida.php3?pg=1>. Acesso em 10 de agosto de 2012.

<sup>2</sup> Todas as citações da obra referem-se a esta edição, portanto limitar-me-ei a referenciar apenas o número da página nas próximas citações.

Dividido em seis capítulos esquemáticos — “O navio”, “A mata”, “Gestação da Cidade”, “O mar”, “A luta”, “O progresso” —, somos apresentados, já na abertura, a vários personagens no navio até Ilhéus. Este capítulo tem quase a função de um prefácio: o cenário, as personagens e as histórias que ali se cruzam são o gene do romance que se levanta. Sabemos de partida das histórias tristes deixadas para trás, assim como somos preparados para o que virá: “terras, dinheiro, cacau e morte” (p. 10). A ambição de muitos — “para que essa ânsia de vir buscar dinheiro num lugar do qual contavam tanta coisa ruim?” (p. 14) — será guiada pelo cacau e a possível fortuna que ele pode trazer, mas fortuna de “um dinheiro que parece que tem maldição” (p. 17). Um certo “presságio de desgraça” (p. 15) acompanha toda esta apresentação.

Os personagens ali apresentados retornarão ao longo do romance, agora já assentados em sua nova cidade e com suas posições políticas tomadas: de um lado a família Badaró, com Sinhô e Juca Badaró, e do outro o Coronel Horácio da Silveira, donos do poder na região, e que resumem o argumento final do romance, a disputa das terras do Sequeiro Grande. Em meio a esse embate, uma série de personagens participará da trama, alguns deles merecendo, aqui, atenção especial, como Ester, a culta e bela esposa de coronel Horácio, que irá traí-lo com Virgílio, advogado do partido; nego Damião, jagunço de Sinhô Badaró, o mais famoso do lugar; Margot, a prostituta amante de Virgílio e posteriormente de Juca Badaró; Antonio Vitor, jovem “caboclo” que deixa a família e a mulher amada para vir a Ilhéus em busca de dinheiro; e o Capitão João Magalhães, o malandro “engenheiro militar” que irá se casar com Don’Ana Badaró — uma das mulheres fortes amadianas — e assumir os negócios da família.

Sintetizado o romance, é importante atentarmos para o lugar de onde fala Jorge Amado: militante do PCB, escritor já consagrado, com uma série de livros publicados<sup>3</sup>, e filho de fazendeiro de cacau. Ademais, publicado em 1943, *Terras do sem fim* vem após a famosa série de livros formadores do pensamento crítico nacional: *Casa grande e senzala*

<sup>3</sup> *O país do carnaval* (1931), *Cacau* (1933), *Suor* (1934), *Jubiabá* (1935), *Mar morto* (1936), *Capitães de areia* (1937), *ABC de Castro Alves* (1941), *O cavaleiro da esperança* (1942).

(1933), de Gilberto Freyre<sup>4</sup>; *Raízes do Brasil* (1936), de Sérgio Buarque de Holanda; e *Formação do Brasil contemporâneo* (1942), de Caio Prado Júnior. No plano histórico, temos, no Brasil, o Estado Novo e a Segunda Guerra Mundial. A cena armada traz a confluência do pensamento de um intelectual comunista da elite brasileira com um momento de forte reflexão sobre esta sociedade em formação e que está exposta a uma situação de violência interna e externa.

Retornando ao plano ficcional, encontramos um narrador que podemos caracterizar como em terceira pessoa, com um discurso indireto livre, mas que se quer um contador de histórias: pela epígrafe somos chamados pelo romancista popular e pelo uso da primeira pessoa (“Eu vou contar”) e ao final do romance somos apresentados a uma data “Montevideú, agosto de 1942” (p. 215), produzindo a ideia de Jorge Amado como nosso narrador/contador. Com uma série de julgamentos morais sobre os personagens, essa voz narrativa irá problematizar o conceito benjaminiano do narrador (c.f.: BENJAMIN, 1994), que calca seu argumento na defesa do narrador oral, baseado na experiência coletiva.

No caso de *Terras do sem fim*, nos deparamos com o romance, uma experiência individual que tem um fim em si mesmo, não falamos em transmissão de experiência, de conselhos, portanto de sabedoria, e sim de um relato individual. Mas apesar do suporte utilizado ser o relato individual, a narrativa traz as características da oralidade em seu prefácio e a noção de experiência e sabedoria, visto que parece querer nos conduzir aos mesmos julgamentos feitos por quem nos conta a história. Este sincretismo estrutural parece vir ao encontro de um modelo de romance amadiano militante, já que esquematiza seu enredo (retratando a história do coronelismo da região) e traz para a cena personagens planas e concisas, pois como afirma Walter Benjamin (1994, p. 204) “Quanto mais a naturalidade com o que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória”. Essa proximidade com a cultura popular, um desejo e

---

<sup>4</sup> A influência da *Casa grande e senzala* na obra de Jorge Amado será muito mais profunda naqueles romances de segunda fase. Segundo o romancista, em documentário produzido em 1995, “a obra revolucionária maior e o revolucionário maior, mais importante para mim chamou-se Gilberto Freyre e seu livro *Casa grande e senzala*” (JORGE, 1995).

um norte na obra de Jorge Amado, é manifestada não somente nos seus enredos, mas também na escolha desse narrador, com um traço de oralidade e de cultura popular em contraponto com a forma burguesa do romance.

O fio tecido pela narrativa nos conduz pela voz de outros personagens que corroborarão com a ideia de contar esta história. Alguns destes momentos são evidenciados pela voz do narrador, que irá nos contar que “muitos anos depois” aquelas histórias serão contadas por “um velho que conhecia as histórias do cacau” (p. 96), “histórias passando de boca em boca, relatadas pelos pais aos filhos, pelos mais velhos aos mais jovens” (p. 162), histórias que “percorreriam as feiras dos povoados novos” “cantando os detalhes da luta” (p. 163). Através do curioso personagem chamado apenas de “menino” que aparece ao fim do romance, no julgamento de Coronel Horácio, relata o narrador: “Um menino que anos depois iria escrever as histórias dessa terra” (p. 201) e que vê no “homem do anelão falso”<sup>5</sup> o personagem mais interessante naquele julgamento, pois ele “sabe histórias” (p. 205). Ou pela voz da figura dos cegos, que cantam as histórias da disputa pelo Sequeiro Grande.

Posto isto, a estrutura escolhida para o romance nos permite supor os próximos acontecimentos. Se em “O navio” somos apresentados aos personagens e a motivação que os leva até Ilhéus, em “A mata” — que deve ser derrubada para que possam ser plantadas as lavouras de cacau — é a natureza daquela região que é apresentada: “A Mata! Não é um mistério, não é um perigo nem uma ameaça. É um deus!” (p. 29). Espaço que assustará capangas, “Ali estão os animais inimigos do homem, os animais agoureiros, ali estão as assombrações” (p. 30), e Ester, que “Se acostumara com tudo, não sonhava mais. Só não se acostumara com a mata e com a noite da mata” (p. 38). As descrições da mata e do medo de muitos diante dela aparecem, pela voz do narrador, como um toque de sedução daquele ambiente hostil, que é “como uma virgem cuja carne nunca tivesse sentido a chama do desejo” (p. 28). Entre a sedução e o medo, é naquele espaço que o cacau deve

---

<sup>5</sup> O “homem do anelão falso” é Fernando, um dos personagens secundários apresentados já no navio e que retorna em momentos específicos do romance. Com fama de ladrão, mentiroso e malandro, é apresentado no tribunal como um contador de histórias e uma testemunha não legitimada da ligação de Horácio com o assassinato de Juca Badaró.

nascer, é aquele espaço que dará a fortuna que todos procuram e não por acaso é esse o capítulo mais longo do romance, sendo uma verdadeira ode à natureza da região.

Percorrendo o caminho estrutural do romance, chegaremos à formação das cidades em “Gestação da Cidade”, momento em que o dia a dia daqueles povoados em formação (até então só Ilhéus era um município efetivamente) é retratado. Conhecemos a história de Ferradas, feudo de Horácio; de Tabocas, que já havia sido chamada de “centro da civilização e de progresso” por um “certo jornal da Bahia” (p. 104); além de Pirangi e Baforé, povoados menores, mas que recheiam o imaginário das histórias dos desbravadores do cacau, pois eram dessas regiões que “partiam para as matas os desbravadores de terras. Era um mundo primitivo e bárbaro cuja única ambição era dinheiro” (p. 99-100) <sup>6</sup>.

Ao falarmos nestes povoados devemos ter em mente que havia, na época, grande extensão de mata a ser derrubada, desmatamento que significa mais plantação de cacau, logo progresso e a entrada daqueles coronéis com força total no mercado internacional. Segundo Maximiliano Campos, gerente da exportadora “Zude, Irmão e Cia.”,

isso de impor preços, coronel, ainda são os gringos que impõem. [...] Quando os senhores tiverem plantado essa terra toda, tiverem derrubado toda essa mataria que ainda há, pode ser que então a gente possa impor os nossos preços nos Estados Unidos... (p. 153).

Somente nesta altura da narrativa somos apresentados a Ilhéus, que ao mesmo tempo em que vive momento de apreensão pela luta que se aproxima, também vive momento de ansiedade, visto que após a disputa das terras espera-se o tão sonhado progresso. Estas noções de progresso e de processo civilizatório perpassam a obra, revelando-se como homólogas, uma não existindo sem a outra e, ao mesmo tempo, atreladas à ideia de enriquecimento:

A cidade por aquele tempo começava a se abrir em jardins, o município contatara um jardineiro famoso na capital. O jornal da oposição atacara dizendo que “muito mais que de jardins Ilhéus preci-

<sup>6</sup> Muitos destes povoados foram elevados a categoria de município posteriormente, como Tabocas, que será Itabuna (1910), Pirangi será Itajuípe (1952), local também da região do Sequeiro Grande; e Baforé será emancipada como Itapitanga (1931).

sava de estradas”. Mas, mesmo os oposicionistas mostravam orgulhosos aos visitantes as flores que cresciam nas praças antes plantadas de capim (p. 143).

Em meio às disputas e à sede por dinheiro/progresso, as aparências são sempre mantidas perante a sociedade de uma maneira geral. Existe um código de conduta invisível que permite que todos os envolvidos na disputa estejam, por exemplo, na procissão de São Jorge em Ilhéus, momento que se coloca como uma epígrafe da luta que se aproxima, o centro da narrativa. Diz Manuel de Oliveira, jornalista amigo de Coronel Horácio, sobre os coronéis lado a lado na procissão: “— Cada um deles tá rezando para que o santo o ajude a matar o outro... Tão rezando e ameaçando...” (p. 157).

O grande capítulo do livro, que se anuncia desde o início da narrativa, reservará surpresas para o desfecho da história. Se estamos todos acreditando na vitória dos Badaró, uma jogada política em plano federal ajudará a dar a Horácio a grande vitória. Neste momento, a história ficcional se mistura com a história real, bem aos moldes amadianos, pois a menção a Seabra, ao longo do romance, nos remete a Joaquim José Seabra, que derrotara as elites mais conservadoras da Bahia incluindo o senador baiano Rui Barbosa, assumindo o poder em 1912 (-1916) e depois em 1920(-1924). Horácio e Dr. Virgílio eram *seabristas*, deixando então de ser oposição para se tornarem situação quando da tomada do poder. Com todo o apoio político e com a força dos homens que trabalham na mata, Horácio será o homem mais importante e mais rico da região, caminhando então para o tão almejado progresso.

Este desenvolvimento sonhado chegará àquela terra, que “dá tudo enquanto der cacau” (p. 213), de maneira irônica no capítulo final intitulado “Progresso”: com a promoção da paróquia de Ilhéus a diocese em meio a uma grande festa e com o decreto da morte de Dr. Virgílio pelo coronel Horácio após a descoberta da traição da esposa. Ao mesmo tempo em que a cidade ganha o reconhecimento das entidades tradicionais, mantém-se retrógrada e violenta em seus costumes; “a civilização”, que finalmente “alcançara essas terras” (p. 214), não se reflete sobre os comportamentos e *modus operandis* dos coro-

néis do cacau, visto que a “melhor terra do mundo para o plantio do cacau” era, como bem sabemos de antemão, “adubada com sangue” (p. 215)

Não há, em *Terras do sem fim*, uma data explícita, mas pelas menções a Seabra e à emancipação de Itabuna, podemos marcar cronologicamente seu tempo. As noções de progresso e civilização estão diretamente atreladas a este momento: o cacau, que se encaminhava para o início do seu apogeu (segunda década do século XX), levaria muito dinheiro para a região (concentrado nas mãos dos coronéis), ajudando na fundação e expansão das cidades, impulsionando o desenvolvimento e criando os grandes latifúndios. Mas a situação econômico-social dos trabalhadores era das mais lamentáveis: a ilusão da ascensão econômica era destruída logo de chegada, pois sem aliar-se à oligarquia dominante, seria impossível permanecer na região.

Resumindo, temos um momento de desenvolvimento econômico que concentra poder nas mãos de poucos que exploram muitos. Não há mais escravidão, mas também não há regulamentação do trabalho assalariado, o que leva o comandante do navio que transporta os imigrantes a dizer entre triste e apático: “Por vezes me sinto como o comandante de um daqueles navios negreiros do tempo da escravidão” (p. 27). No plano real, 1943, nos deparamos com o Estado Novo getulista, centralizador de poder, fortemente autoritário e nacionalista, mas que irá criar a CLT, Consolidação das Leis Trabalhistas, que data de 1<sup>a</sup> de maio de 1943. Ao colocarmos lado a lado os momentos históricos expostos aqui temos a escravidão, a exploração da mão de obra nas colheitas do cacau e o governo Vargas, de certa maneira momentos que se unem em um fio condutor: autoritarismo político, levando-nos a pensar que este é um grande *continuum* na visão do romance e talvez na visão amadiana da história brasileira.

Este poder centralizador mostra-se no romance pelas figuras de Sinhô Badaró, Juca Badaró e Horácio, os três grandes coronéis da região. Mas se em um primeiro momento podemos pensar que eles serão julgados de alguma maneira condenatória pelo nosso contador, somos levados pela voz dos personagens e pela condução da narrativa a uma certa justificativa de muitos daqueles atos violentos, o que parece ficar muito marcado pela voz de Dr. Virgílio: “É curioso como vocês podem fazer tanta desgraça e, apesar dis-

so, serem homens bons...” (p. 210). E é este o tom da narrativa: Sinhô Badaró será apresentado quase como um *bom velinho*, que “parecia um profeta antigo” (p. 82) e que só “faz as coisas [sentenças de morte] por necessidade” (p. 45). Juca é colocado de maneira mais crítica, já que é quase o oposto do irmão, visto que não vacila ao ter que ordenar a morte de alguém, ao mesmo tempo em que é antipático com a sobrinha Don’Ana e trata Margot, a amante, de maneira sexista. Ao mesmo tempo, é um sujeito objetivo e corajoso.

Horácio, apresentado de início como um homem bastante violento, com várias lendas sobre o seu passado — de um pacto com o diabo ao assassinato de sua primeira mulher —, é um apaixonado, pelo cacau e por sua esposa Ester. Essa relação do coronel leva o leitor a ter certa simpatia por ele, visto que, se comparado a outros comportamentos masculinos, o coronel mostra-se muito atencioso e solícito com sua esposa.

Além destes personagens essenciais, ganham destaques as mulheres Ester, Don’Ana e Margot, que podem ser vistas como o embrião daquelas mulheres fortes e batalhadoras que serão comuns nos romances de Jorge Amado a partir de *Gabriela, cravo e canela*. Ester é a esposa sonhadora e com educação, leitora de Zola, que permanecerá naquele lugar contra a sua vontade, mas que sempre cumprirá suas obrigações de esposa. Don’Ana é descrita como uma mulher forte, corajosa e bonita, “vivera sempre mais interessada em aprender a montar cavalo, a atirar, a saber dos mistérios da terra e das plantações” (p. 147), muito atenta aos assuntos da família, irá protegê-la até o fim. Margot é a prostituta que vem a Ilhéus atrás de Virgílio, com quem mantém um romance de longa data, que termina após o envolvimento do advogado com Ester, deixando o caminho livre para Juca Badaró lhe “botar casa” e lhe exigir exclusividade. É a responsável pela formação profissional do advogado, já que pagou seus estudos. Ao mesmo tempo em que estas mulheres têm comportamentos de força, seja na coragem de Ana, na abnegação de Ester ou na generosidade de Margot, elas mantêm comportamentos considerados adequados para o seu lugar de fala: Ana acha natural as traições do tio Juca; Ester não consegue se separar de Horácio por medo; e Margot é tratada com total desrespeito por Juca Badaró, que chega inclusive a lhe esbofetear (assim como Virgílio).

Na ala masculina nos deparamos com negro Damião, capanga dos Badarós e o grande atirador da região, que será, assim como Virgílio, um dos poucos personagens a amadurecer ao longo da narrativa, mesmo sua aparição sendo restrita. Pela primeira vez, ao ouvir uma conversa de Sinhô Badaró, vai se perguntar sobre a sua real profissão: assassino, e questiona-se sobre o gostar ou não do que faz, o que o levará a abandonar a família Badaró e a vagar pelas matas da região como um doido. Virgílio, Antônio Vitor e João Magalhães pertencem à ala dos forasteiros que vierem à região para enriquecer, cada um a sua maneira. Virgílio vem para ser advogado de Horácio, com planos de tentar a carreira política em outro lugar, mas que ao apaixonar-se e perder a mulher amada ficará preso àquele lugar e perceberá que não é mais o homem refinado de antes.

Antônio Vitor ilustra o outro lado desta história, dos trabalhadores braçais que vinham para a região em busca de melhores condições de vida, mas que acabavam ou sendo explorados na plantação e colheita de cacau ou como jagunços — e muitas vezes das duas maneiras. Com promessas de voltar para casa, estes trabalhadores acabavam presos ao visgo do cacau e àquele sistema violento. João Magalhães é o malandro perdido no meio do cacau, que se passa por engenheiro militar e acaba por conquistar a confiança dos Badaró, o que o leva ao casamento com a única herdeira da família. Estes personagens aventureiros são muito bem aceitos pelos nativos — desde que não desafiem o poder vigente —, pois todos veem aquele lugar como um espaço do começo, do novo. Segundo Juca Badaró: “Aqui tudo começa e depois é que se vai medir o homem. Para trás, quem sabe o que ficou? O que tá pra frente é que vale” (p. 184).

Terra de desbravadores, esta zona do cacau se formará graças à ousadia e à violência daqueles homens que sem nenhum senso de moral (quando há, consegue-se uma desculpa alentadora) matarão em nome do cacau e do dinheiro que ele trará. Se aqui o que sobra ao final da narrativa é uma certeza de que esse progresso é fictício e de que esse dinheiro será de poucos, portanto um final negativado, em *Gabriela, cravo e canela* a mudança de tom nos levará a conclusões diferenciadas, que correspondem ao lugar de onde Jorge Amado falará em 1958.

## O gene do Brasil moderno: o cacau e a conciliação

Dispensando grandes apresentações, já que bastante conhecido e popular, o romance *Gabriela, cravo e canela* é uma história de amor na qual a personagem-título é uma daquelas mulheres inesquecíveis de Jorge Amado, tal qual Tieta e Dona Flor. A popularidade do romance consta de sua estreia: foram vendidos cerca de 20 mil exemplares nas duas primeiras semanas<sup>7</sup>. Somam-se ainda as suas diversas adaptações: em 1983, para o cinema por Bruno Barreto; para a TV, como novela, em 1961 na Rede Tupi e 1975 na Rede Globo; e atualmente (2012) como série na mesma emissora.

Muito mais extenso que *Terras do sem fim*, *Gabriela, cravo e canela* será menos esquemático, com personagens mais desenvolvidos, mas com títulos e subtítulos que antecipam parte dos próximos acontecimentos. No que concerne à estrutura, o romance é dividido em duas partes, subdividas em mais duas cada uma, narrando em essência a história de amor entre Nacib, um “brasileiro das arábias”, e Gabriela, a imigrante entre sedutora e pura. A primeira parte refere-se a Nacib e a segunda à Gabriela; suas subdivisões se norteiam por quatro mulheres-títulos: Ofenísia, Glória, Malvina e a própria Gabriela. Em meio a esta história de amor e a essas mulheres, encontraremos a história de uma Ilhéus que se moderniza — o ano é 1925 —, principalmente nos costumes.

O momento de Jorge Amado aqui (1958) é bastante díspar em relação àquele dos anos 40, pois, já desencantado com o PCB, *Gabriela, cravo e canela* marca a mudança do romancista dentro de sua obra: se antes a militância comunista era um norte, agora são as mulheres fortes e sensuais e a mestiçagem como uma solução que se colocarão como o grande meio e fim. Ao analisarmos a época de publicação, nos deparamos com um Brasil bastante otimista: a Bossa Nova conquistava seu espaço; o Cinema Novo muda a ótica da produção nacional; a dramaturgia finalmente produzia as peças que precisava para sua sustentação e difusão; o Teatro de Arena e o Teatro Brasileiro de Comédia transformavam o jeito de fazer e ver o teatro nacional; e, na literatura, Guimarães Rosa publicava, em 1956, o colossal e inovador *Grande sertão: veredas*. Soma-se a isto a construção de Brasília.

<sup>7</sup> Para maiores detalhes cf. Nascimento, 2005.

lia e a conquista da Copa do Mundo de Futebol em 1958. O que temos aqui é um momento único do país em construção, são os “50 anos em 5” do governo Juscelino Kubitschek. Boa parcela dessas produções vão ao encontro da valorização do popular, em muitos casos guiados pelas vanguardas de esquerda militantes<sup>8</sup>.

No romance, a vertente militante comunista de Jorge Amado será modificada. Se antes a exploração do povo mais pobre e a lei do coronelismo do cacau eram explicitadas, agora é a modernização daquela sociedade autoritária, arcaica e patriarcal que passa por uma renovação política, econômica e cultural. Porém, renovação que não significa uma revolução popular, como poderia pensar o velho comunista Jorge Amado, e sim uma renovação que passa por uma figura plana e tipificada: Gabriela. Se antes era o poder popular que poderia acabar com os velhos grilhões daquela sociedade, agora a visão é bastante romântica e pacificadora: é uma morena sensual e sem voz ativa que transforma a cidade. Morena que será comparada ao povo e as crianças em determinado momento do romance, colocando-se como uma figura revolucionária espontânea, que escancara a visão política do romancista naquele momento de mudanças.

Na abertura da narrativa nos deparamos com um subtítulo, “crônica de uma cidade do interior”, que diz muito sobre o seu narrador e a estrutura do romance, pois traz a crônica atrelada a sua construção, um gênero que, de maneira geral, é um comentário do cotidiano, em tom literário, mas informal. Com uma história que se quer próxima ao leitor, já que simples, e com um narrador em terceira pessoa, com discurso indireto livre, começamos com um prefácio anunciador: “Essa história de amor — por curiosa coincidência, como diria dona Arminda — começou no mesmo dia claro, de sol primaveril [...]” (*Gabriela, cravo...*, 2012, p. 9)<sup>9</sup>, o que demonstra a proximidade do narrador com a história narrada e o caráter de contação de história que ele apresenta.

Este narrador, reforçando o caráter cronístico, irá trazer as histórias do âmbito público — caso da barra, encalhe de navios, inauguração do ônibus, festas no Clube Pro-

<sup>8</sup> Temos em vista aqui as produções *O auto da Compadecida* (Ariano Suassuna, 1955); *Eles não usam black-tie* (Gianfrancesco Guarnieri, 1958); a criação do Teatro de Arena (1953) e do Teatro Oficina (1958).

<sup>9</sup> Todas as citações da obra referem-se a esta edição, portanto limitar-me-ei a referenciar apenas o número da página nas próximas citações.

gresso —, diluídas no plano privado — o assassinato de dona Sinhazinha e Osmundo Pimentel e a história de amor entre Gabriela e Nacib. Ao mesmo tempo, irá fazer certos julgamentos sobre seus personagens e sobre a cidade, já de saída desculpando o atraso de certos costumes locais: “Modificava-se a fisionomia da cidade [...]. Mais lentamente porém evoluíam os costumes, os hábitos dos homens. Assim acontece sempre, em todas as sociedades” (p. 10).

Com marcações da contação, “Foi assim que a sra. Saad voltou a ser Gabriela” (p. 282) ou “E aqui termina a história de Nacib e Gabriela” (p. 321), encerrará com uma data, assim como em *Terras do sem fim*: “Petrópolis, Rio, maio de 1958” (p. 321), reforçando a ideia de Jorge Amado como voz daquela contação.

A figura do contador estará também dentro do romance, na voz de Nacib, que começava “as suas histórias nas noites de conversas longas, quando nas mesas do bar ficavam apenas uns poucos amigos” com um “Na terra de meu pai...” (p. 37). Assim como a figura do cego contador, que canta as histórias dos velhos tempos (figura que também aparecera em *Terras do sem fim*): “Um cego, a cuia no chão, contava na viola histórias dos tempos de lutas” (p. 56).

No que concerne à estrutura, centrando-nos nas quatro mulheres, nos deparamos com o passado e o futuro. No capítulo primeiro, nomeado “O langor de Ofenísia”, conhecemos a virgem célebre dos D’Ávila, que se apaixonou por D. Pedro I e viveu sozinha enclausurada devido a convenções de seu tempo. Neste capítulo, temos o começo de tudo: o início da disputa entre Mundinho Falcão e Ramiro Bastos, Nacib sem cozinheira e Gabriela chegando a Ilhéus, momento em que honra de marido traído só se lavava com sangue. “A solidão de Glória” é o título do segundo capítulo, centrado na figura da jovem Glória, amante triste e intocável do coronel Coriolano, que vive enclausurada em sua casa, vendo a vida passar pela janela. Entre estes dois capítulos, somente dois dias da narrativa se passam, limitados pela chegada de Gabriela e o início do seu romance com Nacib.

A segunda parte, chamada “Gabriela, cravo e canela” iniciará com o capítulo terceiro, denominado “O segredo de Malvina”, filha de coronel, moça corajosa e culta, que deseja se livrar das amarras machistas daquela sociedade. Neste momento da narrativa,

Glória encontrará nos braços de Josué o fim de sua solidão, Nacib viverá seu idílio amoroso com Bié, e Malvina será levada para um colégio interno em Salvador. O último e quarto capítulo, “O luar de Gabriela”, nos levará pelos caminhos da solução dos impasses políticos de Ilhéus e pessoais de Nacib.

Em *Gabriela, cravo e canela*, o passado e o futuro estão em constante tensão, seja na política, com o declínio do coronelismo, seja nos costumes, com a opressão e a certa libertação feminina. Se Ofenísia e Glória foram impedidas de viver em liberdade, Malvina e Gabriela serão mulheres livres. A escolha para o nome destes capítulos parece apontar para o progresso nos costumes tão alardeado ao longo do romance. Na primeira parte, dona Sinhazinha será assassinada por adultério; na segunda, Gabriela será poupada (porém espancada) e Nacib receberá elogios de toda a cidade pelo gesto *civilizado*, que corresponde ao momento que a cidade vive, o do progresso.

Longe de parecer uma conquista libertadora de todo — já que a prostituição e a coisificação da mulher não são problematizadas, pelo contrário, são dadas como naturais, embrenhadas naquele *modus operandi* —, ao ter como norteadoras quatro mulheres, Jorge Amado ressignifica esta história. Sem essas subdivisões, essas personagens, com exceção de Gabriela, seriam coadjuvantes, mas ao colocá-las no centro, no que divide e agrega, Jorge Amado dá um protagonismo àquelas mulheres, mas um protagonismo ainda sem voz. Se antes elas eram coadjuvantes naquela sociedade machista que prezava os homens *corajosos*, assassinos e sem escrúpulos, agora, com o declínio dos tempos bárbaros da luta do cacau, a figura feminina passa a ganhar algum relevo na formação daquela história. Se antes, em *Terras do sem fim*, Ana Badaró era considerada uma mulher corajosa por defender, como um homem, a sua família, agora é Malvina, que abandona a família e aqueles costumes ultrapassados, que será considerada corajosa por todos.

Nesse contexto feminino, Gabriela coloca-se como um caso bastante singular. Saída do meio da seca do sertão, seduzirá — quase sem intenção em alguns casos — todos os homens a sua volta, mas com uma sedução que não se limita somente a sexo, mas também a uma pureza de caráter. Essa associação entre Gabriela e certa inocência levará alguns personagens e mesmo o narrador a compará-la às crianças e ao povo, agregando

também a ela uma certa liberdade selvagem, momento no qual é colocada na mesma posição do “gato vadio do morro, quase selvagem” (p. 162). Este personagem visto como puro, livre e selvagem é ao mesmo tempo um personagem chapado, sem evolução ao longo da trama e que por vezes parece não compreender claramente o que se passa a sua volta: os ciúmes de Nacib, as brigas, com dizeres que se limitam a “Importa não” (p. 183) ou “Pode não” (p. 224). Mas ao mesmo tempo é considerada uma revolucionária espontânea, como podemos perceber em um diálogo entre Nhô-Galo e João Fulgêncio:

— Quem não se apaixonou por ela na cidade? Se ela fosse candidata a intendente derrotaria o Capitão e Maurício, até os dois juntos. Todo mundo votava nela.

— Não as mulheres...

— Mulher não tem direito ao voto, compadre. Ainda assim, algumas votavam. Ela tem qualquer coisa que ninguém tem. Você não viu o baile de Ano-novo? Quem arrastou todo mundo para a rua, para dançar reisado? Creio que essa é a força que faz as revoluções, que promove as descobertas. Pra mim, não há nada de que eu goste tanto como ver Gabriela no meio de um bocado de gente. Sabe no que penso? Numa flor de jardim, verdadeira, exalando perfume, no meio de um bocado de flores de papel... (p. 274).

Gabriela, que em meio às disputas entre o passado e o futuro parece não ter um espaço, será o grande deflagrador do maior avanço de Ilhéus naquela época: o fim dos assassinatos por adultério. Nacib “rompera com a lei. Em vez de matá-la, tinha-a deixado ir-se em paz” (p. 286) e era visto agora como um gênio, na voz de Nhô-Galo: “Quem podia imaginar que Nacib era um gênio? Eu já gostava dele, gosto ainda mais. Ilhéus possui, finalmente, um homem civilizado” (p. 282). A solução pacificadora de Nacib pode ser vista como uma resposta ao tempo daquela cidade, que se modernizava, sendo natural que isso alcançasse os costumes; ou como uma prova do poder de sedução daquela jovem entre sedutora e infantil ou mesmo como uma qualidade do próprio Nacib, um homem generoso. A resposta parece contemplar as três possibilidades.

A cidade — com os jovens filhos de fazendeiros estudando nas capitais, com a chegada de Mundinho Falcão, de exportadores e engenheiros — recebia novas ideias e novos costumes, que podemos acompanhar ao longo de todo romance, e não tardaria

para que essas novas ideais entrassem em confronto com as velhas leis do cacau. Gabriela, comparada à criança e ao povo<sup>10</sup>, é a figura idealizada: ingênua e livre das corrupções, ela transformaria tudo e todos, incluindo Nacib e Ilhéus. Nossa última resposta corresponde à caracterização de Nacib ao longo do romance: um homem simples, que “gostava mesmo era de comer bem [...] beber sua cerveja geladinha, jogar uma apurada partida de gamão [...]. Dessas coisas e das morenas queimadas na cor, ele gostava. De conversar também e rir” (p. 105). Desde o princípio da narrativa, o sírio é colocado como um homem simpático e bem humorado, que consegue manter a neutralidade em meio às dicotomias da terra do cacau. Se Gabriela é colocada como essa figura revolucionária, Nacib é o agente pacificador, que irá entender o processo e transformá-lo em fato.

Todos esses acontecimentos correspondem no tempo histórico ficcional de *Gabriela, cravo e canela* a um “ano considerado decisivo na vida da região” (p. 18): ano do caso da barra, da derrota dos coronéis, do primeiro julgamento por assassinato de um coronel, da chegada do primeiro navio exportador e do amor de Nacib e Gabriela. No plano real, a década de 20 será marcada pelo Tenentismo, um movimento político-militar que propunha reformas na estrutura de poder do país — entre elas o fim do voto de cabresto; pela Semana de Arte Moderna (1922), movimento artístico baseado no renovação e na liberdade criadora; e de fato pela construção do canal da barra em Ilhéus (1924).

Refletindo sobre o momento de escrita de Jorge Amado, vamos encontrar a economia desenvolvimentista-industrial de JK em oposição à economia agroexportadora, o motor da região de Ilhéus. Se em *Gabriela, cravo e canela* os filhos de coronéis que estudavam em São Paulo viam em Mundinho Falcão o futuro e só falavam “em estradas, em máquinas, em progresso” (p. 263), no plano real vivemos a construção de Brasília, com sua arquitetura moderna e inovadora. São dois momentos de mudanças essenciais na formação e na modernização da sociedade brasileira.

Esta disputa entre passado e futuro percorrerá toda a obra, na disputa política entre o velho coronel Ramiro e o jovem Mundinho. Se o coronel Ramiro, munido de cora-

---

<sup>10</sup> A comparação de Gabriela com o povo vai ao encontro das discussões sobre o “romantismo revolucionário” evidenciado por Marcelo Ridenti em certa produção da esquerda nos anos 60 (Cf.: RIDENTI, 2000).

gem e jagunços, conquistou a região e teve domínio político exclusivo durante muitos anos, Mundinho será sua versão moderna: carioca bem nascido, o jovem exportador vem a Ilhéus para conseguir a autonomia que não tinha estando perto de sua família, que era bem posta econômica e politicamente. Se o coronel precisou demonstrar coragem para chegar aonde chegou, Mundinho também o é: um, precisou matar e trocar favores; o outro, desafiar a ordem vigente e saber jogar o jogo político da capital e da região. Se isto poderia nos levar a pensar em um momento, digamos, mais democrático, por assim dizer, da região, nos depararemos, ao final da disputa, com o poder unilateral de Mundinho, já que “agora era o novo chefe da terra do cacau”, segundo ele mesmo. O vislumbre da vitória o levará à seguinte reflexão: “Já não tinha com quem lutar. Pelo menos até que aparecesse alguém para lhe fazer frente, quando os tempos outra vez mudassem, ele não serviria para governar. Como sucedera ao coronel Ramiro Bastos” (p. 300).

Se o progresso de *Terras do sem fim* é negado ao final, já que construído na terra adubada com sangue, em *Gabriela, cravo e canela* o final é mais debochado: uma grande festa no cais, com o simbólico carregamento de um saco de cacau por Mundinho Falcão e Stevenson, os exportadores, e Amâncio Leal e Ribeirinho, os fazendeiros. Se antes o que tínhamos era uma terra bárbara, de violência e disputas de terra, agora finalmente Ilhéus parece ter chegado à civilização, mas em um sentido irônico: os coronéis caíram, mas o poder continua concentrado em certa elite. O que sobra para o restante da população é ser Gabriela? Ingênuos e sedutores e, ainda assim, transformadores?

### **O progresso: a visão do cacau como motor da História**

Ao colocarmos lado a lado dois romances de momentos distintos tanto na fase da carreira de Jorge Amado como no momento histórico referenciado, nos deparamos com uma reflexão entre trágica e debochada sobre o progresso. Tendo em mente uma das teses de Walter Benjamin em *Sobre o conceito de história* (1940), podemos problematizar este aspecto da obra amadiana. Em uma delas, Benjamin (1994) utiliza a metáfora do “Anjo da História”:

Há um quadro de Klee que chama *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso (BENJAMIN, 1994, p. 226).

O anjo de Benjamin olha para trás e só vê catástrofe (onde nós vemos vários acontecimentos únicos), mas não tem tempo para juntar aqueles pedaços, pois é impulsionado para frente por uma tempestade chamada “progresso”. A metáfora do anjo questiona o ideal de não olhar para o passado e apontar para o futuro. Enquanto isso, aqueles acontecimentos, que pensamos estagnados (já que são parte do passado), acabam por se transformar em um grande amontoado de catástrofes, formando uma única e gigantesca tragédia, que acompanha a história da humanidade por todos os tempos.

Lendo *Terras do sem fim* comparativamente à *Gabriela, cravo e canela*, vemos dois processos se iniciando respectivamente: a derrubada das matas e o início do apogeu do cacau, a chegada de um progresso atrelado ao latifúndio e a manutenção de costumes retrógrados. Vemos também o início do processo de modernização político-social em uma sociedade já assentada no modelo agroexportador — mas que questiona seus antigos líderes —, mais urbana, que mantém o sexismo, e que, no entanto, aponta, através de Malvina, para um possível início de libertação feminina.

Ao pensarmos nos romances como uma continuidade, nos deparamos com uma noção norteadora em ambos: o progresso. Lendo a história das disputas da terra, que originaram aquela região, encontramos pequenos povoados ao redor de uma Ilhéus que se quer grande, mas que depende do sucesso do cacau para isso. Os habitantes são coronéis e suas famílias, acompanhados de homens e mulheres pobres: jagunços, lavradores, prostitutas etc. Temporalmente situada na primeira década do século XX, apesar do fim

da escravidão podemos facilmente relacioná-la com aquela sociedade através da menção às casas-grandes da família Badaró e de Horácio, ao “mercado de escravos”, ao “navio negreiro” que traz os imigrantes e mesmo ao sistema de trabalho baseado no autoritarismo. Estes trabalhadores, apesar de diluídos no romance, explicitam a importância da região do cacau naquele nordeste de seca e miséria:

De todo o Norte do Brasil descia gente para essas terras do Sul da Bahia. A fama corria longe, diziam que o dinheiro rodava na rua, que ninguém fazia caso, em Ilhéus, de prata de dois mil-réis. Os navios chegavam entupidos de emigrantes, [...] para quem Ilhéus era a primeira ou a última esperança (*Terras do...*, s/d, p. 142).

Não atrelados a terra como posse dos coronéis, esses homens vinham com um anúncio de desgraça, pois “Quem vai pra essas terras nunca mais volta... Tem uma coisa que parece feitiço, é feito visgo de jaca. Segura a gente...” (*Terras do...*, s/d, p. 17). Pela voz de Virgílio, o forasteiro instruído que também ficou preso àquele lugar, podemos perceber o fatalismo que acompanha aquela história:

Os trabalhadores nas roças tinham o visgo do cacau môle preso aos pés, virava uma casca grossa que nenhuma água lavava jamais. E eles todos, trabalhadores, jagunços, coronéis, advogados, médicos, comerciantes e exportadores, tinham o visgo do cacau preso na alma, lá dentro, no mais profundo do coração... Não havia educação, cultura e sentimento que lavassem. Cacau era dinheiro, era poder, era a vida toda, estava dentro deles, não apenas plantado sobre a terra negra e poderosa de seiva. Nascia dentro de cada um, lançava sobre cada coração uma sombra má, apagava os sentimentos bons [...] Tinha ódio era do cacau (*Terras do...*, s/d, p. 177).

Ficar preso àquela terra e aceitar aquele *modus operandi* não são colocados como uma escolha, pois estes comportamentos de violência são intrínsecos ao cacau, o verdadeiro vilão. Mas o cacau aqui se refere à acumulação de capital, e ao analisarmos atentamente o romance, apesar de certo caráter de denúncia sobre as classes desfavorecidas, o centro da narrativa é a elite, não só pela crítica, mas também com uma forma de redimi-los: não é o cacau, mas o dinheiro que condena os personagens àquele comportamento.

Presos ao visgo do cacau, esses homens construíram aquela região na base do caxixe, da tocaia e da disputa de terra, com poderes concentrados nas mãos dos poucos que governam os povoados. Toda a noção de progresso e justiça passa pelas mãos desses coronéis que decidem o futuro da cidade e dos indivíduos. A derrubada da mata do Sequeiro Grande permite que a região alcance outro patamar de desenvolvimento e de reconhecimento, por exemplo, com a elevação da igreja a diocese, notícia dos dois jornais de Ilhéus naquela data. Segundo Manuel de Oliveira, “A elevação a diocese não é senão um ato de reconhecimento ao progresso vertiginoso de Ilhéus, conquistado pelos grandes homens que sacrificaram tudo ao bem da pátria”. Para Dr. Rui, “Ilhéus, berço de tantos filhos trabalhadores, de tantos homens de inteligência e de caráter que abriam clareiras de civilização na terra negra e bárbara do cacau” (*Terras do...*, s/d, p. 212). O elogio àqueles desbravadores das matas vem assentado na ironia de Jorge Amado, que completa com Dr. Rui, agora já bêbado: “— Em roça de cacau, nessas terras, meu filho, nasce até bispo. Nasce estrada de ferro, nasce assassino, caxixe, palacete, cabaré, colégio, nasce teatro, nasce até bispo... Essa terra dá tudo enquanto der cacau...” (*Terras do...*, s/d, p. 213).

A ideia do falso progresso está atrelada aos costumes, pois a cidade cresce no sentido de melhorias físicas pela entrada do dinheiro do cacau, mas mantém os costumes *bárbaros*, agora escondidos atrás de uma máscara de *civilização*. No julgamento de Horácio pela morte de Juca Badaró, fato conhecido por todos, no qual o coronel é absolvido, diz Dr. Rui, o advogado de defesa:

Ao absolver o coronel Horácio da Silveira, provareis, senhores do conselho de sentença, a todo mundo civilizado, cujos olhos estão voltados para esta sala, que em Ilhéus não existe apenas cacau, a terra fértil e o dinheiro, provareis que em Ilhéus existe a Justiça, mãe de todas as virtudes de um povo! (*Terras do...*, s/d, p. 204).

Os tempos da violência e dos assassinatos são colocados como fatos do passado que não mais fazem parte dos hábitos da região. Segundo o promotor de Ilhéus, referindo-se ao assassinato de Virgílio, que morrerá na mão de “mesquinhos inimigos políticos”, “isso dera nos tempos, próximos e já tão distantes, em que todavia a civilização não al-

cançara essas terras [...] Hoje esses fatos, disse, são apenas recordações tristes e lamentáveis” (p. 214). Um ar de hipocrisia e aceitação percorre aquela sociedade: todos sabem das violências cometidas, alguns se mantêm em silêncio por medo, outros por conveniência, afinal estar ao lado dos grandes chefes significava grandes favores e grande proteção.

Já em *Gabriela, cravo e canela*, que se passa em 1925, “ano de impetuoso progresso” (p. 13), ecos de *Terras do sem fim* são presentidos objetivamente, com menções explícitas àqueles acontecimentos: “Acontece ter sido o antigo cartório incendiado, numa daquelas lutas pela conquista da terra, [...] da mata do Sequeiro Grande — isto está até contado num livro” (p. 38) ou diluídas ao longo da obra, o que seria quase inevitável, visto que Jorge Amado continua a falar da região do cacau, só que agora em outros tempos:

Ia-se perdendo, no passar dos tempos, o eco dos últimos tiros trocados nas lutas pela conquista da terra, mas daqueles anos heroicos ficara um gosto de sangue derramado no sangue dos ilheenses. E certos costumes: o de arrotar valentia, de carregar revólveres dia e noite, de beber e jogar. Certas leis também, a regularem suas vidas. Uma delas, das mais indiscutidas, novamente cumpriram-se naquele dia: honrado de marido enganado só com morte dos culpados podia ser lavada. Vinha dos tempos antigos, não estava escrita em nenhum código, estava apenas na consciência dos homens, deixada pelos senhores de antanho, os primeiros a derrubar matas e plantar cacau. Assim era em Ilhéus, naqueles idos de 1925, quando floresciam as roças nas terras adubadas com cadáveres e sangue e multiplicavam-se as fortunas, quando o progresso se estabelecia e transformava-se a fisionomia da cidade (p. 10).

Aquelas conquistas de Horácio, que tanto progresso trouxe para a região, agora vivem outro momento, pois a cidade cresce e se modifica, não só fisicamente, mas também nas ideias. O crescimento e o lucro do cacau levaram para a cidade exportadores, que se antes não tinham grande relevo, agora serão os novos “coronéis” da região, não mais presos ao visgo do cacau: “como sou exportador e não fazendeiro, creio que meus pés ficaram presos foi na lama das ruas. Deu-me vontade de ficar para construir alguma coisa” (p. 65), segundo Mundinho Falcão.

Estas similaridades entre personagens, mais problematizados e densos em *Gabriela, cravo e canela*, também permite que comparemos nego Damião, o jagunço de *Terras do*

*sem fim* que enlouquece após refletir sobre a sua profissão, e nego Fagundes, de *Gabriela, cravo e canela*, que não vê problema algum em matar como profissão. Malvina, a destemida filha de coronel Melk Tavares (*Gabriela, cravo...*) pode ser vista como uma versão moderna e repaginada de Ana Badaró, a corajosa filha de Sinhô Badaró: enquanto esta protege a família até o fim — com ações que a aproximam do mundo masculino — aquela renega a família e a sociedade machista. Ligadas pela autonomia e pela bravura, serão admiradas pelos homens do seu tempo.

Ao pensarmos nessas mulheres, temos, em *Terras do sem fim*, Ester, Margot e Ana Badaró como personagens que têm algum relevo naquele mundo masculino. Em *Gabriela, cravo e canela*, Ofenísia, Glória, Malvina e Gabriela como limites narrativos. Se Malvina pode ser vista em Ana, Ofenísia, a virgem triste, pode ser uma versão de Ester, a infeliz esposa de Horácio, que viveu enclausurada na fazenda na esperança de fugir com seu grande amor. Glória, a prostituta que se liberta pela mão de Josué pode ser comparada a Margot, amante de Virgílio e posteriormente de Juca Badaró, que vive à mercê de seus amantes. A grande renovação é Gabriela, vista por João Fulgêncio, a figura do intelectual no romance, um possível alterego de Jorge Amado, como algo inexplicável, comparada ao amor:

— O amor não se prova, nem se mede. É como Gabriela. Existe, isso basta — falou João Fulgêncio. — O fato de não se compreender ou explicar uma coisa não acaba com ela. Não sei das estrelas, mas as vejo no céu, são a beleza da noite (p. 284).

Se a visão de *Terras do sem fim* é negativa, através de Gabriela temos uma visão pacificadora e transformadora natural daqueles padrões de comportamento. Agora a terra adubada com sangue parece ter encontrado uma maneira de se redimir daquele passado pela mão da ingenuidade e da pureza de Gabriela.

### **Sangue, cravo, canela e cacau: considerações finais**

Sendo o elemento histórico formador na arte, as disputas na região cacauceira, romaneadas por Jorge Amado, formam o que Theodor Adorno chama de “historiografia

do inconsciente”. Aceitando esta máxima do crítico alemão, podemos traçar boa parte da história do sul baiano lendo a obra amadiana, assim como o início da formação da sociedade brasileira moderna.

Em *Terras do sem fim* encontramos um Jorge Amado militante comunista, que acusa o cacau (em outras palavras, o dinheiro) pela violência dos costumes e das leis invisíveis ao mesmo tempo em tira parte da responsabilidade daqueles costumes das mãos dos grandes chefes da região do cacau. O solo adubado com sangue trará o progresso almejado por todos à custa de disputas e assassinatos em uma terra que cria suas próprias leis, as quais todos se adaptam. Vista como um lugar de homens corajosos, muitos pelos assassinatos que praticaram, a regra é explícita: ou segue a ordem vigente ou não será bem-vindo naquele lugar.

Ao final da narrativa a sensação que perdura é a de continuidade da concentração de poder nas mãos de poucos. O progresso chegara, mas era um progresso quase de fachada, atrelado a conquistas materiais de uma elite, e não a conquistas civis de igualdade e liberdade.

Em *Gabriela, cravo e canela*, romance de mudança na obra amadiana, observamos aonde foi aquela região que se modernizava em *Terras do sem fim*: as cidades emancipadas, fisicamente bem apanhadas, mas ainda percebem-se os suspiros daquelas velhas leis do cacau, substituídas com a queda dos coronéis. Se *Terras do sem fim* é o momento de tomada do poder por um coronel, que se torna o grande chefe político da região, *Gabriela, cravo e canela* é a queda deste coronel, agora na figura de Ramiro Bastos. Se podemos ver a queda dos coronéis como algo positivo, seremos lembrados pelo próprio Mundinho Falcão que ele agora se tornara o chefe do cacau. Resumindo: mudam-se os nomes, mas as funções permanecem.

O grande diferencial entre os romances centra-se na figura de Gabriela, que pode ser facilmente lida como uma metáfora para o povo brasileiro. Se a revolução popular não é mais um sonho de Jorge Amado, a revolução espontânea, feita pela personagem ingênua, pura, livre e sem voz coloca-se no romance como uma alternativa idealista e romântica.

O progresso, negativedo por Benjamin (1994), está sempre no horizonte dos dois romances, referindo-se a progressos distintos de épocas distintas. Para Jorge Amado, o progresso parece colocar-se com algo inerente, que faz parte do processo histórico, mas que se constrói muitas vezes à base de sangue. Diferentemente do quadro de Klee, em que o anjo olha para trás se só vê catástrofe, Jorge Amado olha para trás, vê a catástrofe, mas parece aceitá-la, colocando Gabriela como uma espécie de neutralizadora da barbárie.

**THE MAKING OF THE COCOA SOCIETY AND OF THE MODERN BRAZIL:  
A READING ON JORGE AMADO'S *TERRAS DO SEM FIM* (1943) AND**

***GABRIELA, CRAVO E CANELA* (1958)**

**ABSTRACT:**

Through the reading of Jorge Amado's *Terras do sem fim* (1943) and *Gabriela, cravo e canela* (1958), this paper has the hypothesis focused on his Brazil writing; or to say so, the encoded reading made by the novelist through the questioning (and its solutions) about the formation of the Brazilian society through the first half of the Twentieth Century. Besides that, the other hypothesis is about the ongoing cocoa cycle in the novels, or to say in other words, the continuation of *Terras do sem fim* in *Gabriela, cravo e canela*. To do so, we start from the reading of the novels, discussing the position where the third person narrator occupies and of the romance structure going towards the discussions about the modernization process in the cocoa region and Brazil.

**KEYWORDS:** Cocoa; Jorge Amado; Modernization; Narrator; Society.

**Referências**

ADORNO, Theodor W. *Teoria estética*. Lisboa: Edições 70, 1988 [1970].

AMADO, Jorge. *Gabriela, cravo e canela: crônica de uma cidade do interior*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012 [1958].

\_\_\_\_\_. *Terras do sem fim*. São Paulo: Livraria Martins Editora, s/d [1943].

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed., São Paulo: Brasiliense, 1994.

JORGE Amado. Direção: João Moreira Salles. Intérpretes: Chico Buarque, Gilberto Gil, João Ubaldo Ribeiro, Jorge Amado, Zelia Gatai. Vídeo Filmes, 1995. 1 filme, son., color.

NASCIMENTO, Renata Maria Souza. *Revisitações a Gabriela: uma experiência de leitura e recepção crítica do romance*. 2005. 243f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2005.

RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da tv.* Rio de Janeiro. Ed. Record, 2000.

*Recebido em 30/08/2012.  
Aprovado em 28/11/2012.*